



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Público sai lucrando com o improviso butô

Uma das atrações trazidas pelo Palco Giratório deste ano foi o espetáculo *Mares e nuvens flutuantes*, com os bailarinos Ana Medeiros (muito conhecida por suas atividades na dança flamenca) e Hiroshi Nishiyama. Por uma questão de saúde de Ana Medeiros, a performance da dupla ficou transformada no solo de Nishiyama. Eu quase escrevia “ficou reduzida”, mas isso seria um desrespeito ao bailarino, porque ele nos brindou com uma belíssima performance que, sem ser o espetáculo anunciado, acabou sendo outro, igualmente admirável.

Anotemos algumas questões iniciais para bem realizar um registro justo sobre o trabalho assistido. *Mares e nuvens flutuantes* se inscreve na recente tradição da dança butô, desenvolvida no Japão a partir do final da II Grande Guerra, mesclando a tradição oriental com as então novas pesquisas ocidentais, em especial do expressionismo. Os traumas causados pelas explosões de Hiroshima e de Nagasaki, somados à preocupação da crescente perda de identidade dos japoneses, fizeram com que Tatsumi Hijikata e Kazuo Ohno desenvolvessem esta técnica e tipo de performance. ‘Butoh’ significa, na língua japonesa, “dança das trevas” e se caracteriza por movimentos extremamente lentos, com coreografias mais vinculadas ao solo do que aéreas, minimalistas. O bailarino, em geral, utiliza uma pintura branca sobre o corpo (fora os figurinos que serão ou brancos, ou pretos). No Brasil, o butô chegou através dos bailarinos Tadashi Endo e Emilie Sugai. No caso do espetáculo a que assistimos, Ana Medeiros decidiu estudar no Japão em 2015, quando conheceu Hiroshi Nishiyama, hoje seu companheiro. O casal deslocou-se para Porto Alegre, a partir de 2018, e aqui vêm atuando em diferentes produções de dança butô, *Mares e nuvens flutuantes* entre elas.

O que desde logo chama nossa atenção à peça é seu título, porque contradiz frontalmente a própria origem da dança, cujas coreografias estão mais próximas do solo,

como se escreveu acima. Aqui, a referência é exatamente contrária, porque fala de mares (extremamente volúveis) e nuvens, aliás, muito bem visualizadas na cenografia de Rodrigo Shalako: um grande quadrado branco, suspenso, cujo tecido, organizado em pregas, nos lembra de imediato o movimento das marés ou a fluidez das nuvens. De fato, a obra foi inspirada na visão, desde a praia, do mar e de sua infinitude, do mesmo modo que o movimento das nuvens. Ou seja, pode-se dizer que a obra propõe-se a ultrapassar os próprios princípios desta dança, a partir de sua inspiração primeira.

Enquanto muitas danças do mundo se baseiam na técnica, o fundamento do butô reside na imagética, no ambiente virtual dos mundos interno e externo do corpo, e nas texturas e emoções que compõem este corpo. Neste sentido, a ausência de Ana Medeiros fez, da obra a que assistimos, uma outra - que não perde a essência do butô, mas que não é mais a obra anunciada. *Mares e nuvens flutuantes* continua organizada a partir de uma trilha sonora que sugere o movimento das ondas e a passagem das

nuvens. Mas enquanto solo, todo o espetáculo está adensado e comprimido num único corpo, o de Nishiyama: mudando os figurinos (de Etsuko Ohno e Rei Kawakubo) e cada coreografia, o bailarino interpreta cinco movimentos bastante diferentes entre si, inclusive pela trilha sonora criada por Casemiro Azevedo, culminando numa releitura inesperada e altamente criativa do *Bolero* de Ravel, que, mais próximo da experiência do público, alcançou maior receptividade e resposta da plateia.

Considerando que o butô não tem propriamente uma coreografia pré-programada, mas depende da inspiração momentânea do bailarino, a improvisação a que se viu obrigado Nishiyama não lhe deve ter sido tão frustrante. Foi apenas um desafio a mais, com o quê o público saiu lucrando, porque assistiu a uma obra, de certo modo, inédita, mas que evidencia as características do butô enquanto espetáculo e filosofia.

*Já que o butô depende da inspiração do bailarino, a improvisação a que se viu obrigado Nishiyama não deve ter sido tão frustrante*



No *Such Thing as a Vampire* foi reencontrado em um antigo teatro e cinema dos anos 1930

## Histórico curta de terror da BBC ressurgiu no Reino Unido após mais de 50 anos

No final dos anos 1960, um curta-metragem de vampiros marcou época no Reino Unido, mas estava perdido desde então. Agora, *No Such Thing as a Vampire*, da série antológica *Late Night Horror*, foi reencontrado.

A produção foi exibida pela emissora britânica BBC, e acreditava-se que todas as cópias haviam sido destruídas. No entanto, Darren Payne, um engenheiro cinematográfico da Inglaterra, encontrou o último desses registros.

O curta foi encontrado dentro de um cinema e teatro antigo, da década de 1930, chamado The Regent. A obra ostenta o título de pioneira, já que tornou-se a primeira da emissora a utilizar-se de cores. Atualmente, a organização Film is Fabulous! trabalha em uma restauração de sua versão original.

O público poderá conferir a obra décadas depois de sua primeira exibição. Em 20 de setembro, o longa será exibido no The Regent, localizado em Christchurch, na Inglaterra, como parte do evento Grindfest.

A série antológica *Late Night Horror* teve seis episódios. *No Such Thing as a Vampire* foi o primeiro. Ele trazia Meg Wynn Owen no papel principal, como uma mulher que adoce repentinamente e passa a ser cuidada pelo marido, interpretado por Andrew Keir.

Com direção de Paddy Russell, o curta-metragem trouxe uma composição de múltiplas câmeras, além de imagens de arquivo. A obra foi exibida em 19 de abril de 1968, às 22h55min, e foi vista por um público estimado de 1,8 milhão de telespectadores.

## Louvre anuncia equipe que criará uma nova área para a Mona Lisa

O Ministério da Cultura da França anunciou a equipe que será responsável pela criação de uma nova área dedicada à pintura *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, que faz parte das reformas do Museu do Louvre, em Paris. As vencedoras foram as empresas Studios Architecture Paris, Selldorf Architects e Base Landscape Architecture.

Anunciado originalmente em janeiro de 2025 por Emmanuel Macron, com o nome de *Louvre: Novo Renascimento*, a reforma tinha como objetivo criar novas entradas para melhorar a circulação dos visitantes e uma nova área exclusiva para a pintura. Para isso, foi realizada uma competição na qual os participantes precisavam apresentar projetos que se encaixassem nes-

ses objetivos.

Segundo o ministério, o projeto vencedor promete unir o contemporâneo ao urbano, criando uma conexão elegante entre a cidade, o palácio e o museu. Uma das novas entradas ficará próxima à Colunata de Perrault, na fachada do castelo que compõe o museu.

A previsão é que a reforma custe entre € 700 e € 800 milhões (R\$ 4,6 bilhões) e seja concluída em até dez anos. A última vez que o Louvre passou por uma reforma foi há cerca de quarenta anos, na década de 1980.

Desde o início deste ano, os ingressos do museu ficaram 45% mais caros para visitantes de fora da Europa, visando equilibrar as contas e financiar a solução de problemas estruturais.